

## ANITA MALFATTI NA *INDEPENDENT SCHOOL OF ART*

Tameny Romão<sup>1</sup>

Em 1951, a artista considerada precursora do movimento modernista no Brasil, Anita Malfatti, produziu uma conferência<sup>2</sup> a ser apresentada na Pinacoteca do Estado de São Paulo, na qual relatou dados biográficos referentes à sua formação. No texto, a pintora revela a dedicação à Arte nos anos iniciais da carreira, estudos que culminaram na exposição realizada por ela entre os anos de 1917 e 1918.

O objetivo da conferência, ao que tudo indica, era abordar as circunstâncias que levaram a criação das obras que causaram escândalo e desaprovação da sociedade paulistana dos anos 20, mas que ao mesmo tempo, instigaram nossos futuros modernistas. Para isso, a pintora, no momento já consagrada, parte da abordagem de seus estudos na Alemanha, onde permanece de 1910 a 1914, e nos Estados Unidos, de 1914 a 1916.

Descrevendo os dois momentos decisivos para sua trajetória ela atribuiu a eles importância singular, destacando seus contatos primários com o modernismo europeu em território alemão, mas expondo com maior entusiasmo as experiências vividas na *Independent School of Art*, em Nova York.

A escola, em que ela afirmava ter passado o “tempo mais interessante e mais feliz” de sua vida, tinha a frente o professor e filósofo Homer Boss, atualmente pouco lembrado nos estudos sobre o período. O ambiente mantido por ele tinha como prioridade a Arte, e como característica essencial a liberdade proporcionada aos alunos.

Na época em que a brasileira chega aos Estados Unidos, o país passava por uma fase produtiva no universo artístico. Em 1913, Nova York foi palco para o Armory Show, uma exposição inspirada na *Sonderbund* de Colônia (BATISTA, 2006: 104). A exibição em território americano reuniu trabalhos de grandes artistas das vanguardas europeias, além de representantes nacionais. O evento abria novas possibilidades, trazendo bases que foram adotadas e incentivadas na *Independent*.

---

1 Tameny Romão realiza mestrado em História da Arte pelo Programa de Pós-Graduação em História com ênfase em História da Arte, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

2 Manuscrito em duas versões localizadas no Fundo Anita Malfatti no Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros, datado de 25/10/1951.

Outro fato que potencializou o desenvolvimento das artes no país foi a presença dos imigrantes que deixaram a Europa, se refugiando da Primeira Grande Guerra na promissora nação estadunidense. Muitos deles, pintores, escritores, músicos e dançarinos de renome, agora se reuniam em Nova York, que passava a ser um notável centro cultural.

Diante deste clima favorável, Anita Malfatti poderia dar continuidade ao expressionismo aprendido na Alemanha, bem como expandir seus conhecimentos assimilando técnicas e perspectivas trazidas pelas correntes de vanguarda.

Segundo o depoimento da pintora, a escola de Homer Boss era um núcleo dinâmico de ensino, onde os alunos se deparavam constantemente com diversas referências locais e internacionais. Elas estão refletidas nas obras de Anita, que carregam influências da arte norte-americana e europeia, alcançadas através dos ensinamentos do mestre, e de um reencontro com as tendências que conhecera na Europa.

O professor, que ela considerava filósofo, pertencia à geração de artistas influenciados pelo realismo pictórico, que teve seu apogeu nos Estados Unidos nos primeiros anos do século XX. Homer Boss foi discípulo de Robert Henri, notável artista e professor, integrante do grupo *The Eight*<sup>3</sup>, oito artistas que, insatisfeitos com os salões promovidos pela academia, se reuniram para expor seus trabalhos em 1908.

Boss foi um fiel seguidor dos preceitos de Henri, assumindo sua escola, a então *Henri School of Art*, por volta do ano de 1910, que se tornaria a *Independent School of Art* (ELVEHJEM MUSEUM OF ART, 1994: 12) onde Anita estudaria de 1915 a 1916.

Logo que ingressa na escola a pintora segue com o professor Homer Boss e uma turma de alunos para *Monhegan Island*, uma ilha localizada na costa do Maine, estado norte-americano. As paisagens da ilha atraíam diversos artistas, dentre eles Winslow Homer, que habitou a ilha no final do século XIX, e Robert Henri que incentivou seus alunos a tomarem o lugar como motivo para seus trabalhos.

De acordo com o relato da pintora, Boss fazia os alunos pintarem ao ar livre, em meio aos rochedos e despenhadeiros da ilha, ao sol, vento forte ou neblina. Assim ele esperava despertar nos alunos as sensações que pudessem surgir, provocadas pelo contato direto com a paisagem, percepções que afetariam a produção das obras de arte.

---

3 Grupo composto por Robert Henri, William Glackens, George Luks, Everett Shinn, John French Sloan, Maurice Prendergast, Ernest Lawson e Arthur B. Davies.

É a partir destas experiências que Anita Malfatti realiza telas como *A ventania* (1916/1917), na qual vemos à direita uma montanha verde ao fundo, e do outro lado um monte, onde crescem duas árvores. Percebemos o sol por trás de uma delas pelos seus raios que circundam a copa, que tornam sua tonalidade mais amarelada do que o pinheiro, em verde mais escuro.

No céu claro é possível notar o movimento da pincelada sinuosa com que a artista trabalha toda a composição, e que proporciona à vegetação a impressão de movimento, causado também pela inclinação das árvores.

As cores fortes são provenientes do contato com o expressionismo alemão, e a sensação de força e movimento causados pela ventania transmitidos pelo quadro se aproxima muito da influência de Boss, no incentivo da vivência direta do artista com o motivo. Neste sentido, a criação de Anita se assemelha às imagens distorcidas de Chaim Soutine que alonga e distende casas e vegetação para expressar a ação do vento na paisagem.

As marinhas feitas pela pintora dão destaque aos rochedos e à agitação das ondas ao se chocarem com as pedras. Em *A onda* (1915/1917) o céu é cinza, demonstrando uma aparente tormenta que agita o mar. Na parte inferior e do lado esquerdo, estão as rochas tomadas por uma espuma de cor branca, que reflete as tonalidades amarela, rosa, azul e verde. No centro da composição uma grande onda se forma em direção à costa.

O litoral rochoso de *Monhegan* foi representado também por George Bellows, outro discípulo de Robert Henri. Na composição o motivo da fúria da água sobre as pedras, em uma aparente tempestade assume cores mais brandas que na obra de Malfatti. Os tons de azul e o marrom prevalecem e a pincelada emplastada de tinta se encarrega de dar a impressão de movimento desta paisagem realista.

O título da obra de Bellows, *Enseada da lagosta*, confirma o relato da brasileira em sua descrição sobre a ilha e seus habitantes, que viviam da criação da lagosta e da pesca do bacalhau. Suas casinhas “escorregando pelos morros” e natureza se tornaram o principal estímulo para a pintora, como vemos no óleo *O farol* de 1915.

Na composição está o farol que orientava os navegantes contra os perigos do entorno rochoso de *Monhegan*. A sua volta se encontram casas simples sobre os montes salpicados com a vegetação, paisagem que Edward Hopper representou quase que no mesmo ângulo da produção feita por Anita, duas interpretações diferentes e originais do mesmo lugar.

Um vínculo que encontramos entre a obra de Anita Malfatti e a de seu professor, Homer Boss, é a preocupação com a estrutura anatômica das figuras humanas. Esta dedicação ao estudo do corpo se explica na trajetória de Boss, pelas orientações de Robert Henri.

Henri, além de estimular seus alunos a praticarem exercícios físicos na busca de uma saúde física e mental, proporcionou a eles algumas lições ministradas por Thomas Anshutz, que realizou demonstrações de anatomia de singular relevância para a obra de Homer Boss<sup>4</sup>.

Em *Nu com manta Navajo* de 1935, ele representa um nu feminino sobre o sofá coberto por uma manta com listras verticais. O espaço ainda conta com vasos de cerâmicas e uma estante com livros. Na imagem o enfoque é claro: no corpo da mulher observamos os traços que delinham com precisão seus músculos. Braços, ombros, abdômen e pernas são evidenciados pela posição do modelo.

De 1915 a 1916 existem vários desenhos e óleos de Anita com o mesmo foco. Em *Nu masculino sentado* observamos o empenho da artista na estrutura muscular e óssea da figura. Destaque empregado em *Nu masculino (exibindo musculatura)*, este, porém, com algumas deformações, caracterizando o traço da artista.

No desenho *O homem de sete cores* ela atribui as fortes tonalidades das folhas verdes do fundo, ao físico humano no centro da composição. Este trabalho apresenta os tons fortes e as distorções que marcaram a obra da pintora como expressionista, e ainda possui as referências transmitidas pelos ensinamentos do professor, no que diz respeito à preocupação com a anatomia.

No óleo *Genesis*, Homer Boss também deforma os corpos do homem e da mulher no quadro. De frente para uma paisagem que seria o paraíso, Adão e Eva estão de costas para o observador, ele de pé e ela sentada, tendo a estrutura do corpo representada em muitos detalhes. O pintor alonga e distorce as formas, explorando ao máximo a anatomia.

Os retratos produzidos pela brasileira na fase norte-americana são obras emblemáticas em sua carreira. Nestas construções ficam ainda mais evidentes as resoluções apreendidas com o mestre.

Na tela *A boba* nota-se a utilização de cores fortes no fundo, em verde, azul e vermelho que destacam o amarelo da cadeira e da blusa da retratada. Esta tonalidade se reflete no rosto da mulher que tem a face corada que, em uma atitude retraída, desvia seus olhos negros de quem a observa.

---

4 Depoimento de Walter Pach (1883-1958) sobre Homer Boss(ELVEHJEM MUSEUM OF ART, 1994: 7).

Nos retratos, o fundo é sempre abstrato, e existe em função da figura representada. Muitas vezes as cores aplicadas neste espaço, se interconectam, e se refletem na roupa e na fisionomia do retratado. Esta solução é empregada por Homer Boss em suas obras.

No *Retrato de Mary* de 1925, a jovem se encontra sentada em uma cadeira de vime, com gargilha e vestido negros. A tonalidade ocre do pano que cobre o fundo se mistura com a da pele, colocando em destaque sua face, que tem as maçãs do rosto e batom vermelhos. Sua expressão é singular, marcada pela inclinação do rosto acentuada ao centro pelo nariz, e a maneira com que seus olhos semicerrados fitam quem a observa.

Nas duas telas a concentração dos artistas está em expressar através da imagem, traços da personalidade de quem era retratado, por meio das expressões captadas no momento da feitura do retrato.

O conjunto de figuras humanas pintadas por Anita Malfatti revela sua predileção pelos diferentes tipos humanos como vemos em *O Japonês*, *O homem amarelo* e *A estudante russa*. Motivo que também atraía Robert Henri, e o inspirou nas representações de *Chow Choy* (1914), *Juanita pronta para a dança* e *Mãe cigana* (1906).

No caso de Anita, as cores intensas e as formas angulares se sobressaem e a partir delas é que desvendamos seus personagens, que ela define também pelos títulos que emprega. Nos retratos de Henri, o que chama a atenção são as vestes, a postura e as expressões assumidas pelos retratados, manifestadas por vezes de forma intensa, como no sorriso do menino Cori, e mais sutil em *Eva Green* (1907), lembrando os retratos feitos por Rembrandt e Frans Hals.

Da *Independent School of Art*, Anita Malfatti recordava a administração pouco comum, auxiliada por Baylinson, o secretário da escola, e os visitantes ilustres que frequentavam o lugar.

Na conferência de 1951 ela descreve a atmosfera liberal que os envolvia, e existia plenamente em função da arte, de maneira que nem problemas financeiros poderiam impedir os alunos de continuar estudando. Para isso, segundo a pintora, o pagamento era feito pelos alunos quando tinham condições. Ela mencionou inclusive a existência de uma “gavetinha mágica” que dava conta de suprir as necessidades da escola e auxiliar os alunos que precisassem, já que todos tinham acesso a ela. Fato que fazia com o que os boêmios vivessem em perfeita felicidade naquela escola, tomando as palavras da artista.

Apesar do cuidado do professor e do secretário, que administrava a tal gavetinha, a escola quase foi fechada algumas vezes pela falta de dinheiro. Nestas situações, os estudantes com mais condições sempre interferiam no intuito de mantê-la de pé, pagando as dívidas quando necessário, sem que ninguém soubesse.

A circulação de pessoas era constante e o trabalho não era interrompido por horário fixo. Muitos estrangeiros circulavam por lá. Os visitantes participavam das atividades, e podiam aproveitar os modelos que posavam. Uns escreviam, outros pintavam e as dançarinas ensaiavam.

Dentre os refugiados que frequentaram a escola, a brasileira se lembrava de Marcel Duchamp, e suas criações feitas sobre placas de vidro. Ela provavelmente fazia referência a *La Mari-ée*, ou o Grande Vidro, realizado pelo artista no ano de 1915.

Duchamp já havia marcado presença na exposição do Armory Show com seu *Nu descendo a escada n° 2*, de inspiração cubista, tendência que impulsionaria as composições de Anita Malfatti, especialmente em *Nu cubista n° 1*.

De maneira mais sutil que a demonstração de movimento a partir de formas cúbicas elaboradas por Duchamp, a pintora modela o corpo feminino com músculos que possuem leves angulações, sendo os cubos sugeridos ao fundo nas mesmas cores da figura, em ocre, preto, vermelho e branco.

A tela foi feita ao mesmo tempo que o óleo de Baylinson, intitulado *Nu cubista*, que ela trouxe para o Brasil e integrou a sua exposição de 1917/1918. Estes foram, segundo ela, “o primeiro nu cubista americano e o primeiro nuzinho cubista brasileiro”. Baylinson foi um colega bastante mencionado por Anita nos relatos sobre a *Independent*, e foi retratado por ela a carvão entre 1915 e 1916.

No desenho ele aparece de terno e gravata listrada, com os óculos redondos que realçam a feição séria exprimida através da testa franzida. Postura muito similar a uma fotografia do artista feita em 1925, quase dez anos mais tarde que o retrato feito por Anita.

Outra presença memorável que a pintora mencionou foi a da dançarina Isadora Duncan com seu grupo de alunas. As “extraordinárias meninas” serviram de modelo para os estudantes de arte quando Isadora abria os ensaios para os alunos de Homer Boss. Anita menciona que jamais esquecera o encantamento destes encontros com a dança moderna, apesar de não ter guardado com ela nenhuma obra em que tenha registrado o momento.

Apareceriam ainda na *Independent* integrantes dos balés russos, como o coordenador Serguei Diaghilev e Léon Bakst, artista responsável pelos cenários e o figurino do grupo, e além deles, o reservado escritor Máximo Górkí que ficou marcado na lembrança da artista em sua passagem pela escola.

A vivência criada e mantida nesta instituição independente, só foi possível devido às circunstâncias favoráveis, proporcionada pela reunião de um grupo que tinha como objetivo comum a Arte. Este ambiente liberal soube receber e incorporar novas propostas, permitindo a diversidade, se tornando um espaço único para o desenvolvimento da Arte Moderna na América.

As experiências recordadas por Anita Malfatti há mais de trinta anos depois de seu retorno para o Brasil, provam o impacto que os estudos realizados nos Estados Unidos tiveram sobre seu trabalho, sendo ele o resultado do encontro incomum com escola de Homer Boss.

#### BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Paulo Mendes de. **De Anita ao museu**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

BATISTA, Marta Rossetti. **Anita Malfatti no tempo e no espaço**: biografia e estudo da obra. São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2006.

\_\_\_\_\_. **Anita Malfatti no tempo e no espaço**: catálogo da obra e documentação. São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2006. 328p.

BURNS, Sarah. **Inventing the Modern Artist**: Art and Culture in Gilded Age America. Yale University Press; New Haven and London, 1996.

DIJKSTRA, Bram. **American expressionism**: art and social change 1920-1950. New York: Harry N. Abrams, 2003.

ELVEHJEM MUSEUM OF ART. **Homer Boss**: An Independent Artist. Wisconsin, Madison: University of Wisconsin, Elvehjem Museum of Art, 1994.

HOMER, William Innes. **Robert Henri and his circle**. New York: Hacker Art Books, 1988.

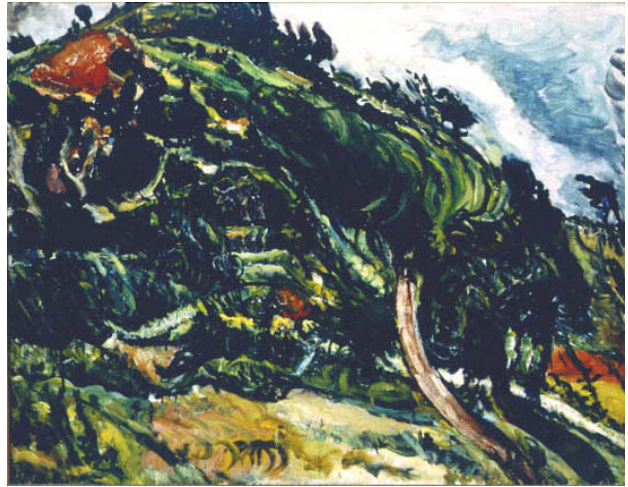
PERLMAN, Bennard B. **Painters of The Ashcan School**: The Immortal Eight. New York: Dover Publications, 1988.



IMAGENS



1915/ 1917. Anita Malfatti. A ventania. Óleo sobre tela, 51 x 61 cm. Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo de São Paulo.



1919. Chaim Soutine. Paisagem com árvores ao vento. Óleo sobre tela. Fundação Cultural Ema Gordon Klabin.



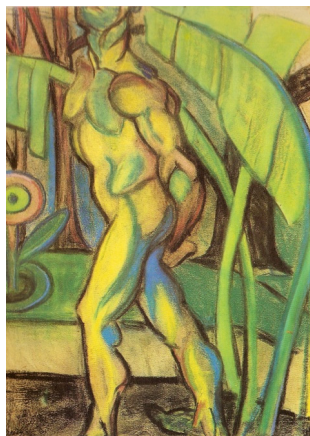
1915/1917. Anita Malfatti. A onda. Óleo sobre madeira. Coleção Paulo Prado Neto – SP.



1913. George Bellows. Lobster Cove, Monhegan, Maine. Óleo sobre tela. San Diego Museum of Art.

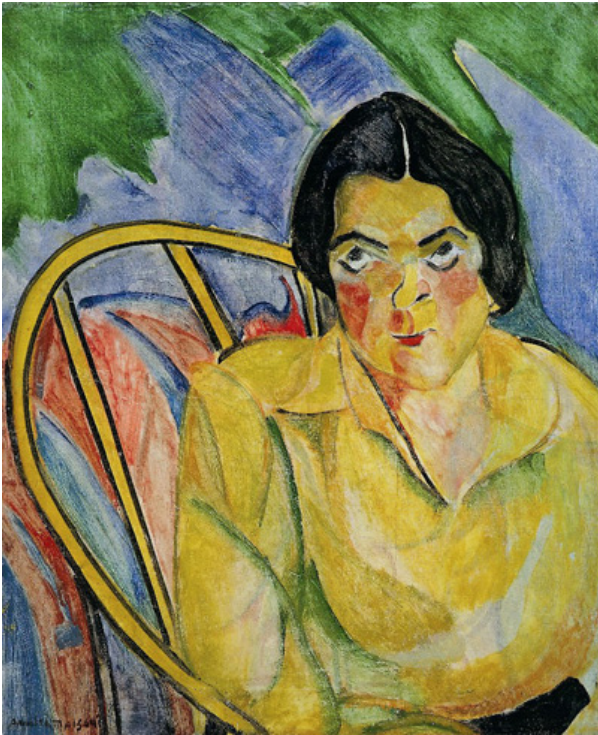


1935. Homer Boss. Nude with Navajo Blanket. Óleo sobre tela.

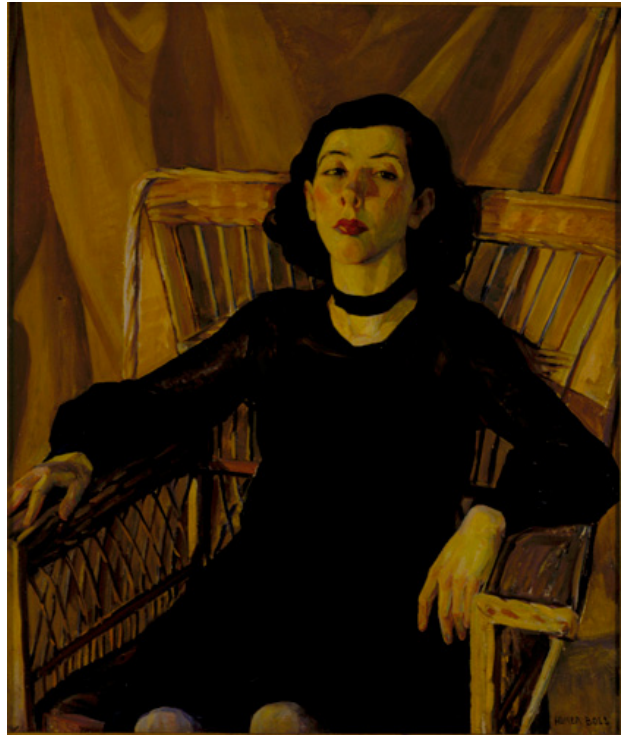


1915/1916. Anita Malfatti. O homem de sete cores. Carvão e pastel. 60,7 x 45 cm. Museu de Arte Brasileira, FAAP/SP.





1915/1916. Anita Malfatti. A boba. Óleo sobre tela. 61 x 50,5 cm. Museu de Arte Contemporânea, USP.



1925. Homer Boss. Portrait of Mary. Óleo sobre tela, 36 x 30 cm. Chazen Museum – WI.



1915/1916. Anita Malfatti. O japonês. Óleo sobre tela. 61 x 51 cm. IEB/USP.



Robert Henri. Juanita ready for the dance.